

Entrevista

Ensino e defesa do meio ambiente

Biólogo de Bauru relaciona questão ecológica a aprendizagem

Graduado e mestre em Ciências Biológicas e doutor em Ecologia, Osmar Cavassan é professor da Faculdade de Ciências, câmpus de Bauru. Atua principalmente nos temas ecologia de ecossistemas, florística, fitossociologia e Cerrado. Participou recentemente das publicações *De olho no cerrado* (Fundeb, Faac/Bauru e Focopoint, 120 páginas, www.focopoint.com.br) e *Conhecendo botânica e ecologia no cerrado* (Joarte Gráfica e Editora, 60 páginas; 14-3103-6200). (ver página 16)

Jornal Unesp: Em seus livros, o senhor foca especificamente o Cerrado em Bauru. Qual é a situação na região?

Osmar Cavassan: O Cerrado hoje remanescente em São Paulo não ocupa uma superfície superior a 1% do Estado. Dessa pequena área, Bauru contém um fragmento relativamente grande de 400 alqueires paulistas (cada alqueire paulista corresponde a 24,2 mil m²) contínuos, sendo que quase 200 deles estão dentro

Lars Krook



Bioma contém potencialidade como fonte de matéria-prima para a indústria farmacêutica e para a alimentação

do câmpus da Unesp de Bauru, vizinho do Jardim Botânico municipal e da reserva do Instituto Lauro de Souza Lima, um hospital dedicado ao tratamento do câncer. A área pertence às três instituições e apresenta um ecossistema com árvores mais altas, diferente do Cerrado do Brasil Central, mais próximo da savana africana. Para quem pesquisa esse ecossistema e ali desenvolve aulas práticas, é extremamente valioso. O curioso é que, perante a comunidade, a região não era vista de maneira simpática, porque ocupava um espaço que, por exemplo, poderia ser destinado a um loteamento. Havia, então, uma pressão imobiliária, mas livros como os que publicamos recentemente fazem com que as pessoas enxerguem o Cerrado de outra maneira.

JU: Esse olhar preconceituoso em relação ao Cerrado é histórico?

Cavassan: Sim. O Cerrado ocupa solos arenosos, ricos em alumínio e que necessitam de um tratamento que demanda um investimento muito grande para a agricultura, enquanto as matas ocupam solos mais férteis para agricultura. Quando o Estado de São Paulo começou a ser ocupado para desenvolvimento de cafezais ou outras culturas, as terras ocupadas por matas eram as de maior valor, e as de Cerrado avaliadas como pobres e sem valor. Consequentemente, o Cerrado passou a ser o indicador desse tipo de solo que não servia para nada, passando a ser visto de uma maneira, digamos, pejorativa. Isso era o que se avaliava sob a perspectiva da utilização do solo para a prática agrícola. Atualmente, se pensarmos do ponto de vista ecológico e da biodiversidade, analisando as relações que o Cerrado tem com o meio físico e atmosférico, o Cerrado é tão importante quanto um trecho de Mata Atlântica.

JU: A tão falada extinção do Cerrado é mito ou realidade?

Cavassan: Infelizmente é uma verdade. Como as matas, conforme expliquei na resposta anterior, sempre despertaram interesse maior por serem exuberantes e terem madeira de lei, impressionam mais. Essas questões não científicas, mas de cunho estético ou utilitarista, depreciam o Cerrado e atingem inclusive as pessoas que têm a capacidade de decidir sobre os ecossistemas. É comum ainda, por exemplo, ouvir falas como “Podemos preservar a Mata Atlântica, mas temos muito Cerrado pra plantar soja”. São expressões preconceituosas despro-



Aspecto parcial do cerrado de Bauru, Edward Albiero

vidas de qualquer tipo de fundamentação ou embasamento científico. Basta lembrar que todas as grandes nascentes do Brasil, como as dos rios São Francisco e Amazonas e da Bacia do Paraná, estão em áreas de Cerrado. Elas existem porque o Cerrado, pelas características da própria vegetação, como raízes desenvolvidas, e por ter um solo altamente permeável, retém grande quantidade de água. Por isso, por exemplo, a substituição artificial do Cerrado do Brasil Central por algum tipo de agricultura, principalmente uma monocultura, pode comprometer – e muito – a reposição da água subterrânea que mantém essas nascentes. Essa questão ilustra bem o quão importante é o Cerrado. Outro fatores fundamentais associados são a biodiversidade que ele contém e a sua potencialidade como fonte de matéria-prima para a indústria farmacêutica e para a alimentação.

JU: Educar os jovens é uma forma de combater a extinção do Cerrado?

Cavassan: O aluno que passa a co-

nhecer a importância do Cerrado começa a gostar dele. Passa a se motivar para preservar o que está vendo. O conteúdo programático de um curso sobre o ambiente esclarece e instrumentaliza o jovem. No aspecto cognitivo, quando avaliamos atividades desenvolvidas com o mesmo conteúdo em sala de aula e em atividades externas, como a visita à região de Cerrado de Bauru, os resultados de aproveitamento são infinitamente maiores do grupo que atuou em campo ou junto a uma comunidade. As diferenças são sentidas até no comportamento. Aqueles alunos reconhecidos pelos professores como os mais problemáticos em questões de disciplina apresentam, nas atividades externas, os resultados mais satisfatórios. Surge então a pergunta se o problema é uma dificuldade inata do aluno de aprender ou do método tradicionalmente utilizado, já ultrapassado, que provoca uma reação negativa do estudante. Pesquisar o Cerrado, além da questão ecológica, levanta, portanto, questões de ensino e aprendizagem.